

# Imaginários juvenis: cinema, recepção, mediação geracional e participação política

Thaís Zonta de Nobrega\*

---

## Resumo

Este artigo pretende retomar algumas das questões centrais abordadas na dissertação de mestrado *Imaginários Juvenis: cinema, recepção, mediações e consumo cultural*, tendo como foco principal a parte metodológica, no que se refere à mediação geracional e aos imaginários, lidos a partir dos receptores, sobre a participação política juvenil nos dias atuais. Vale considerar que a dissertação em questão correspondeu a uma investigação sobre a constituição do imaginário juvenil nos dias atuais a partir de narrativas cinematográficas – na pesquisa de campo foram utilizados, propriamente, dois filmes: *Somos tão jovens* e *Confissões de Adolescentes* – e da narrativa dos receptores, colhidas por meio de entrevistas, estudo de recepção, observação participante e material da internet, principalmente, do *facebook* e dos sites *AdoroCinema* e *Omelete*.

**Palavras-chave:** juventude; cinema; imaginário; recepção; mediação geracional; participação política

## Abstract

This article pretends review some central questions crafted on the dissertation *Imaginários Juvenis: cinema, recepção, mediações e consumo cultural*, focusing on the methodological part, especially with regard to generational mediation and imaginary, read from the receptors, on the youth political participation today. It is worth considering that the thesis in question corresponded to an investigation of the youth imaginary through cinematographic narratives - in the research were used properly, two movies: *Somos tão jovens* and *Confissões de Adolescentes* - and receivers narratives, collected through interviews, study reception, participant observation and material from the internet, mainly, facebook and AdoroCinema and Omelete sites.

**Keywords:** youth; cinema, imaginary; reception; generation mediation; political participation

---

---

\* Antropóloga; mestre em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). E-mail: thaiszn@uol.com.br

## Introdução

Juventude é um tema em ascensão, não apenas nas ciências sociais, mas em várias áreas do conhecimento. A presença dos jovens se intensificou nos últimos anos, a ponto de ser possível afirmar que a juventude se tornou o foco temático de diversos setores sociais como, por exemplo, políticas públicas, igreja, família, psicologia, medicina, mídia, literatura, cinema, entre outros. O crescente número de produções cinematográficas abordando o universo juvenil e se direcionando a ele é um exemplo disso. Os jovens e a ideia de juventude, em grande parte, dão o tom do debate social. Trata-se de um momento histórico que valoriza mais o novo, a inovação e o jovem do que a tradição e a experiência dos mais velhos.

Em certa medida, o jovem e a ideia de juventude passam a informar as expectativas sobre a forma de agir, pensar e se comportar dos indivíduos nos dias atuais. E, para as ciências sociais, juventude se torna um tema estratégico, tendo em vista que, conforme alguns pensadores, o jovem assume o lugar do proletariado no que diz respeito a centralizar as expectativas sobre mudança social. Com o passar do tempo, boa parte do pensamento de esquerda foi percebendo que a oposição proletariado *versus* burguesia perdeu espaço, e que as mudanças não podem se restringir ao âmbito institucional e à macropolítica; para realizar mudanças sociais é necessário abranger também os aspectos da vida cotidiana; novas formas de pensar e agir se tornam mais efetivas quando internalizadas, quando fazem parte do dia-a-dia dos sujeitos, e não apenas quando instituídas.

O objetivo central da pesquisa – *Imaginários juvenis: cinema, recepção, mediações e consumo cultural* – que deu origem a este artigo foi estudar a recepção de filmes que desenvolveram uma abordagem e um olhar sobre o jovem, articulando dois universos: o do imaginário de juventude e o da recepção cinematográfica. Outro objetivo – que será o foco principal deste artigo – foi verificar a hipótese de um imaginário que associa o jovem ao descaso político, ao consumismo e ao hedonismo. O jovem, muitas vezes visto e concebido como à margem, aquele com maior facilidade de divergir daquilo que está estabelecido, ainda é capaz de responder a um pedido por mudanças?

No fundo, trata-se de explorar as contribuições das narrativas fílmicas, *Somos tão jovens*<sup>1</sup> e *Confissões de Adolescente*<sup>2</sup>, para o debate sobre juventude, que será abordada levando em consideração três momentos geracionais distintos:

Geração 1960: início do movimento contracultural no mundo ocidental (Estados Unidos e Europa) e início da ditadura militar no Brasil; *geração da contracultura e do engajamento político*.

Geração 1980: momento em que, teoricamente, o movimento contracultural perde força no mundo ocidental (Estados Unidos e Europa) e abre-se o caminho para redemocratização no Brasil; *geração Coca-Cola*, vista em *Somos tão Jovens*.

Geração 2010: mídias digitais, internet, consumo cultural e desinteresse pela forma convencional de fazer política; *geração#* (Feixa, 2014), abordada em *Confissões de Adolescentes*.

Essa é uma divisão arbitrária – com base nos filmes analisados –, que tem a intenção de ressaltar os seguintes aspectos: diferenças e semelhanças entre o que acontecia no mundo ocidental e no Brasil, diferenças e semelhanças entre uma juventude que vivia sobre o risco de morte e tortura, uma que já se encontrava a caminho da democracia e uma que já nasceu sob um governo democrático, e diferenças e semelhanças na maneira de fazer política ou de se manifestar politicamente.

A concepção de geração que norteia essa divisão tem como base a argumentação de Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996), afirmando que geração alude à época em que cada indivíduo se socializa. Isto é, o que define a geração são as mudanças sociais e culturais que implicam em diferenças de códigos, de linguagem, de habilidades, assim como diferenças na forma de ser, agir, perceber, sentir, classificar e distinguir. Pode-se afirmar que, em certa medida, cada geração pertence a uma cultura diferente. Considerando a aceleração do ritmo histórico, as gerações vêm se sucedendo com mais frequência.

---

<sup>1</sup> *Somos tão Jovens*. Direção: Antônio Carlos da Fontoura. Brasil, 2011. Filme lançado nos cinemas em maio de 2013, aborda a juventude do cantor Renato Russo e seus primeiros passos em direção à fama e à formação da banda Legião Urbana. O cantor se tornou um marco e um ídolo da juventude nas décadas de 80 e 90, com ressonâncias até os dias atuais

<sup>2</sup> *Confissões de Adolescente*. Direção: Daniel Filho. Brasil, 2013. *Confissões de Adolescente*, que estreou em janeiro de 2014, é a adaptação para cinema do livro e série de TV homônimos que foram sucesso na década de 90. Conta os dilemas da adolescência vivido por quatro irmãs, cada qual com as dificuldades e alegrias próprias de sua idade.

## Recepção e mediação midiática

O estudo de recepção diz respeito a levar em consideração os sujeitos que se apropriam de uma produção cultural, sujeitos dotados de inteligência, que não são meros recipientes nos quais se depositam informações. O receptor é parte da produção cultural; ele também participa do processo de significação ou, em outras palavras, uma produção cultural não acaba no momento de sua feitura; ela ganha novas *vidas*, novas significações, depois de finalizada.

A recepção dos filmes *Somos tão jovens* e *Confissões de Adolescentes* se deu por meio da *mediação geracional*, da *mediação situacional* – que não será abordada no presente artigo – e da *mediação midiática*, que, neste texto, se restringe à análise das críticas dos filmes, apenas por parte dos receptores, publicadas no *facebook*. Vale ressaltar que a questão geracional é a mediação central; a noção de geração articulou o trabalho como um todo.

O *facebook* revelou-se um instrumento de pesquisa interessantíssimo e um espaço com grandes possibilidades, principalmente de troca de informação, de liberdade de expressão, de divulgação, de publicidade e de contatos variados. Além disso, inova ao apresentar uma escrita muito peculiar, que rompe com a erudição da gramática e com a ortografia oficial. As redes sociais romperam com princípios clássicos: *jeito certo de escrever, forma de se comunicar, quem deve falar e quem deve escutar, o que é bom gosto, o que não se pode falar*. Como analisa Michel Serres (2013), os computadores, os celulares, a internet e as redes sociais inauguraram uma espécie de democratização do saber; as informações estão disponíveis a “todos” e as velhas hierarquias foram abaladas.

O *facebook* revela jovens mais abertos e não apenas pessoas focadas na autopromoção ou exibicionistas, como é possível pensar num primeiro momento em contato com a rede; mais do que isso, podemos perceber pessoas dispostas a se expor, a se posicionar sem medo de *falar o que não deve*. Entretanto não é possível desconsiderar que o perfil que as pessoas constroem de si mesmas nas redes sociais pode abrigar informações duvidosas, por isso é importante ressaltar que este estudo de recepção, no fundo, não se preocupou apenas com quem os jovens *realmente são*, mas com o que dizem, inclusive deles mesmos, e com a forma como constroem suas personalidades virtuais: os filmes, as músicas, os programas de televisão que colocam como preferidos, tudo que escolhem expor sobre si mesmos, construindo sua imagem

para os outros: aquela barrinha piscando no *face* não deveria perguntar “O que você está pensando?”; seria mais honesto perguntar “O que você quer que as pessoas vejam que está pensando?” (citação livre de uma das falas do filme *Confissões de Adolescentes*, reafirmada na página do filme no *facebook*).

Existe uma mudança muito mais radical que permite essa exposição e liberdade de se colocar à vista dos outros. Como afirma Michel Serres (2013), existe uma espécie de democratização do saber, em grande parte, possibilitada pelo avanço tecnológico. Hoje, muitas pessoas têm acesso à informação via internet. Sendo assim, as instituições, escolas e universidades, que, durante um bom tempo, se afirmaram como detentoras e protetoras do conhecimento, deixam de ser os únicos *templos do conhecimento*. As pessoas sentem-se mais à vontade para expor suas opiniões e gostos, pois não existe mais uma definição exata do que é de bom gosto e do que é de mal gosto; as coisas ficam mais incertas, há um distanciamento em relação aos códigos oficiais e eruditos.

O *facebook*, ao mesmo tempo em que contribui para a existência de um momento histórico em que qualquer pessoa pode dizer o que bem entender, pode se expressar e dar sua opinião, também revela que o que se entende por crítica já não é algo tão profundo e cuidadosamente refletido; e mais, nem sempre é ouvido. Hoje, aparentemente, a crítica é mais realizada e pronunciada do que considerada. Mais do que isso, parece existir uma confusão entre fazer uma crítica e falar mal, como se fossem sinônimos. E é justamente isso – o entusiasmo em ser *do contra*, associando erroneamente falar mal a uma demonstração de inteligência ou de capacidade crítica – que parece empobrecer o potencial desse meio de comunicação.

### **Mediação geracional**

O conceito de geração comporta, ao mesmo tempo, as dimensões cronológica, biológica, histórica e sociocultural. A geração é uma delimitação histórica que pode se basear na idade biológica. As sociedades, em certa medida, arbitrariamente, cronometram e compartimentam a vida e o tempo em fases, como infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice, separando-as, mais ou menos, por anos e privilegiando algumas das características humanas em cada fase. Ou seja, delimitam as experiências possíveis pela idade. Sendo assim, mesmo que geração não se restrinja ao caráter biológico ou à data de nascimento, ela é, socialmente, conduzida a se definir também com base na faixa etária. Além de toda influência propriamente biológica,

como, por exemplo, o desenvolvimento do corpo e a maturação sexual, aspectos que interferem na divisão social das fases e idades, ou seja, existem aspectos biológicos informando a arbitrariedade social. Em suma, como a própria estrutura social passa a delimitar as experiências pela faixa etária, o mesmo grupo de idade acaba partilhando experiências históricas similares.

Mais recentemente, a discussão sobre geração foi retomada para pensar juventude. São muitos os pesquisadores que desenvolveram a concepção ao abordar o debate sobre juventude, entre eles, Carles Feixa, Mario Margulis, Marcelo Urresti e Marcos Urcola. Feixa (2004) fala em *geração replicante* ao se referir aos jovens das últimas décadas. Ele faz uma divisão que consiste em três grandes momentos geracionais ou três interpretações de juventude: *Complexo de Tarzan*, *Complexo de Peter Pan* e *Complexo Replicante*.

A forma tradicional de interpretar juventude, até o período das guerras mundiais, está relacionada ao *Complexo de Tarzan*, pois fundamenta-se na ideia de que o jovem precisa ser socializado, numa perspectiva que concebe essa socialização como a passagem da natureza para cultura: o jovem ainda estaria liberado das coerções sociais, estaria em *estado de natureza* e precisaria ser introduzido no mundo adulto. O adolescente seria uma espécie de *bom selvagem* que precisa ser civilizado.

O modelo moderno de juventude está relacionado ao *Complexo de Peter Pan*, o garoto que não queria crescer. O jovem aparece associado ao potencial revolucionário, como sujeito das transformações sociais e sujeito político. Essa perspectiva está associada ao momento pós-guerra em que germinaram os movimentos contraculturais dos anos 60 e 70. Esses diversos movimentos contraculturais tinham em comum o fato de se oporem à seriedade e à sobriedade da sociedade adulta; propunham uma vida menos pautada na racionalidade econômica e nos princípios burgueses. Prevalencia o desejo de aproveitar a vida. Ser eternamente jovem era uma forma de resistir ao modo de vida adulto capitalista.

A forma pós-moderna de interpretar juventude, que começa a se desenvolver nos anos finais do século XX e início do XXI, pode ser associada ao *Complexo de Blade Runner*, à suposta ameaça dos andróides. A capacidade dos jovens de utilizar as novas tecnologias e de transitar pelo mundo da inteligência artificial assusta as pessoas mais velhas, principalmente porque pode caracterizar uma falta de memória e um rompimento com toda a experiência sócio-histórica do “mundo real”. Entretanto, esses novos jovens preconizam a fusão entre trabalho (priorizado no *Complexo de Tarzan*) e

ócio (priorizado no *Complexo de Peter Pan*), inteligência artificial e experimentação social; seriam seres artificiais, meio robôs e meio humanos, que vivem em condição de hibridismo entre a dependência financeira dos adultos e a emancipação intelectual (Feixa, 2004). Ao mesmo tempo em que têm menos espaço para assumir responsabilidades da vida adulta, são extremamente capacitados intelectualmente para desenvolver tais atividades, assim como têm uma maior facilidade de se adaptarem às novas tecnologias; são os melhores habilitados para viver no mundo pós-moderno. São vistos como *replicantes* porque têm o mundo ao seu alcance, porém não têm muito espaço de atuação dentro da estrutura social estabelecida (entretanto não é possível desconsiderar que esses jovens, muitas vezes, criam ou inventam um espaço de atuação, mesmo que não passe pelo âmbito institucional).

Com o desenvolvimento da tecnologia digital, tornou-se mais perceptível uma grande transformação na ordem de sensibilidade e na temporalidade, ou seja, nascer num mundo em que o computador já existe é diferente de nascer num mundo antes de ele existir e ter que aprender a lidar com ele. Assim como também é diferente nascer num mundo em que as certezas se destacavam mais que as incertezas – em que as regras pareciam mais firmes –, do que nascer num momento em que há a convivência da dimensão real com a virtual e a digital, em que tudo acontece ao mesmo tempo, em que as possibilidades de formas de viver são ampliadas e diversificadas.

É importante ressaltar que esses modelos não são excludentes; eles podem conviver; existe muito de *Peter Pan* nos *Blade Runners*, por exemplo. O ímpeto de uma vida emocionante e a contestação de uma forma burocrática de viver ainda se fazem presentes. É possível ver isso tanto na geração de 80, com Renato Russo – que era anarcopunk e atuou contra o governo militar –, quanto em *Confissões de Adolescentes*, na cena em que Bianca (uma das protagonistas) fala para seu pai que não quer ser como ele. Nesta cena, a jovem afirma que *não quer prestar vestibular para direito e tornar-se uma advogada para, então, passar horas sentada num escritório lendo sobre os problemas dos outros, chegar tarde em casa e continuar pensando nos problemas dos outros e “encher o saco das filhas”*<sup>3</sup>. Essa fala traduz um pouco da visão dos jovens sobre o que é ser adulto na sociedade contemporânea; ser adulto parece ser alguém confinado ao trabalho e às obrigações burocráticas da vida, alguém estressado, preocupado e cheio de problemas, que não sabe aproveitar a vida.

---

<sup>3</sup> Livre citação da fala da personagem Bianca, em *Confissões de Adolescentes*.

Mesmo que em *Confissões de Adolescentes* não haja uma abordagem explícita sobre consciência política, ou melhor, por mais que o filme não enfatize os aspectos políticos envolvidos na oposição entre pais e filhos, como em *Somos tão Jovens*, ainda existe, apesar de inconscientemente, nos adolescentes um desejo de fazer a diferença, de viver de acordo com outros princípios que não apenas os princípios hegemônicos. Mesmo que não se manifestem em movimentos ou passeatas, os jovens expressam, principalmente por meio das redes sociais, esse ímpeto juvenil de se opor ao que está dado, de questionar se não seria possível fazer diferente, viver de outra maneira.

Os jovens do final do século XX e início do século XXI parecem se adequar à definição de *replicante*, que remete à ameaça dos androides; existe uma ousadia em questionar e, até, desconsiderar o tradicional, a ordem estabelecida, mas não, necessariamente, há uma total falta de memória. Tratar-se-ia mais de uma falta de consciência da própria memória incorporada do que de inexistência de uma memória. Essa discussão lembra muito a reflexão de Michel Serres (2013), na sua obra *Polegarzinha*, em que a personagem duvida da autoridade de seus professores, da autoridade dos mais velhos, já que ela tem acesso a informações e saberes por meio da internet. Entretanto, não seria possível considerar que as novas formas de saber ou de informação se aliam e ampliam (ao mesmo tempo em que duvidam e questionam) a tradicional forma baseada na escrita e transmissão dos mais velhos para os mais novos?

O *Google* e a *Wikipédia* não, necessariamente, acabam com a autoridade do professor; pelo contrário, podem ser aliados. Além do mais, descobrir o passado navegando na internet não implica, automaticamente, na desvalorização da memória e da experiência do professor. O que existe é uma ampliação dos horizontes: a informática e a tecnologia cibernética ampliaram o alcance dos homens, tornaram acessíveis diferentes culturas, costumes, ideias e interpretações de mundo que não cabiam nos livros, colocaram a coesão da história oficial em dúvida, tendo em vista que os livros de história davam conta apenas de algumas interpretações de mundo. A capacidade do computador de armazenar milhares de dados tornou visível que o mundo é muito maior do que se conseguia dimensionar ou do que cabia no papel, além de possibilitar que mais vozes se tornassem audíveis. Provavelmente, não se trate de uma falta de memória, mas da flexibilização das certezas, tendo em vista a existência de diversas visões e interpretações de mundo convivendo.

O termo *replicante* também faz alusão ao fato de os jovens terem o mundo ao seu alcance, mas sofrerem com as interdições e impedimentos advindos do *mundo*

*adulto*. O acesso à atuação política e social é limitado ou, então, demarcado pelos adultos. Os mesmos jovens que têm potencial para desenvolver novas maneiras de se relacionar com os homens, com o mundo e com a natureza não têm acesso às grandes decisões, que ainda se baseiam em macroestruturas institucionais. A novidade convive com as maneiras tradicionais de fazer as coisas, convive com os modelos instituídos e, muitas vezes, é barrada pela ordem vigente ou incorporada a ela, a fim de mantê-la.

Em um artigo mais recente, Carles Feixa (2011) dá continuidade às suas análises utilizando o termo *geração indignada*. Com base no recente ciclo de manifestações juvenis que ocorrem pelo mundo, Feixa afirma que esses jovens, educados numa ética hedonista do consumo que se distanciou da ética puritana do trabalho, não estão reivindicando apenas condições de vida e de trabalho melhores; estão reivindicando qualidade de vida; não querem passar horas sentados realizando trabalhos burocráticos, que poderiam muito bem ser realizados por máquinas, economizando um tempo que seria melhor aproveitado com outras atividades. Não se trata apenas de jovens que não querem trabalhar nem estudar, mas de jovens que, muitas vezes, trabalham, estudam, comprometem-se com movimentos sociais e querem desfrutar a vida. E mais, jovens que não se contentam com o modelo democrático de representação, que buscam algo mais participativo, participação que parece se tornar viável graças ao ciberespaço.

A discussão sobre geração é muita vasta e diversa. Na pesquisa que deu origem a este artigo, ela foi recortada com base no imaginário, isto é, naquilo que se considerou grandes marcos para discutir juventude. O recorte fundamentado no imaginário levou em consideração que geração remete ao período de socialização do indivíduo e, por conseguinte, às experiências e ao sensorio compartilhado. Como afirmado anteriormente, a concepção de geração que fundamenta este texto tem como base a argumentação de Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996), para os quais geração alude à época em que cada indivíduo se socializa. Essa concepção vai ao encontro de muitas outras que destacam, no conceito de geração, o fato de se referir às pessoas que partilham experiências mais ou menos comuns e vivem sob uma mesma ordem de sensibilidade e temporalidade.

O recorte começou com a seleção do filme *Somos tão jovens*, que delimitou a juventude de Renato Russo, abrangendo um período que vai dos anos finais da década de 70 aos primeiros anos da década de 80. A geração de Renato, a *geração Coca-Cola*, por sua vez, remete à geração da contracultura nos anos 60, geração em que se

encontram algumas das referências de Renato Russo. Esse recorte termina com os jovens da década de 2010, vistos em *Confissões de Adolescentes*.

Segundo Margulis e Urresti (1996), a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas também tem uma base material vinculada à idade. Sendo assim, corresponde a uma maneira específica de estar no mundo, de experimentar distâncias e durações, espaços e tempos. Geração corresponde à idade biológica lapidada pela história.

Pensando no contexto brasileiro, foi possível separar três momentos diferentes de socialização, por conseguinte, três modelos de juventude ou três gerações. O primeiro momento diz respeito à década de 60, quando houve o golpe militar e a instauração de um governo ditatorial no Brasil. Também era uma época em que os movimentos estudantis eram fortes assim como a influência dos movimentos contraculturais e de *maio de 68*, possibilitando aos jovens uma participação política mais enfática, principalmente no que se referia à luta contra o governo militar. O segundo momento faz referência à década de 80 e aos jovens que nasceram sob um governo militar e que viveram o momento da redemocratização do país. E o terceiro momento trata dos jovens de hoje, que já nasceram num Brasil de governo democrático, um país considerado emergente, que tende a se aproximar do cenário global (pelo menos quanto à vida das camadas médias e altas), principalmente, no que se refere ao acesso às tecnologias.

As distâncias e, até, divergências entre gerações ocorrem em função do não compartilhamento dos mesmos códigos. É possível ver um exemplo dessa distância na comparação entre os jovens dos anos 80, a *geração coca-cola*, e os jovens dos dias atuais, a *geração#*: enquanto os primeiros estavam presentes nas *Diretas Já* e lutaram para que existissem eleições democráticas, os últimos estão mais interessados na participação direta e parecem desacreditar no modelo eleitoral e partidário. A luta pelo modelo democrático baseado em eleições diretas foi importante, principalmente diante de um governo ditatorial, mas o tempo passou, as coisas mudaram e, hoje, esse modelo não corresponde mais às expectativas de um futuro melhor. Hoje, esse modelo parece não ser mais tão importante, mesmo porque está instituído, seus benefícios estão propagados, isto é, há muito mais liberdade nesse modelo de democracia do que havia nas décadas de 60 e 70. Entretanto esse tipo de governo não consegue acompanhar todas as novas demandas oriundas do movimento histórico.

Essa discussão remete à afirmação de Margulis e Urresti de que a memória não é compartilhada. Para os jovens, o mundo apresenta-se como novo, aberto às próprias experiências, liberto das inseguranças ou certezas provenientes da vida. Isso não significa que não exista uma memória social transmitida, mas sim que cada geração se coloca como nova ao campo do vivido, ou seja, por mais que esses jovens tenham crescido ouvindo relatos da experiência dos pais e ensinados pelos mais velhos, eles não tiveram tempo de viver a própria experiência e o próprio aprendizado, portanto muito daquilo que é transmitido se perde por falta de um entendimento tátil do que é comunicado; muito daquilo que os pais ensinam a seus filhos não faz sentido real para eles, pois não dão conta das condições de vida historicamente constituídas que enfrentam.

### ***Somos tão Jovens e Confissões de Adolescentes: participação política: reproduzir modelos ou criar?***

É bastante comum, atualmente, encontrar as mais variadas análises sobre os jovens apontando para uma suposta falta de interesse por questões sociais e políticas. Parece recorrente defini-los como *hedonistas*, *consumistas* e *alienados*. Isto pôde ser percebido, inclusive, nos comentários dos receptores de *Somos tão Jovens e Confissões de Adolescentes*. Muitas foram as opiniões sugerindo que a *geração Coca-Cola* era mais consciente e ativa politicamente; alguns receptores demonstraram, inclusive, orgulho de fazer parte daquela geração, e outros, mais jovens, afirmaram que gostariam de ter vivido aquele momento.

No que diz respeito ao filme *Somos tão jovens*, um aspecto que se destaca na fala dos receptores é a comparação entre a geração de Renato Russo e a geração atual, quase sempre de maneira pejorativa, julgando o presente com os olhos do passado. Há um romanceamento dos anos 80 e um olhar viciado de que o presente é pior que o passado, de que os jovens de hoje são menos politizados. Muitos receptores não concebem a possibilidade de a consciência e a forma de fazer política terem mudado em conjunto com o mundo. E mais, muitas pessoas com mais de 40 anos vangloriam-se de terem vivido naquela época como se os jovens de hoje estivessem em desvantagem:

Com a licença da expressão, filme foda!!!! Quem dera que a geração de hoje pudesse ter ainda Renato Russo como inspiração musical! sou muito Feliz por ter pertencido à geração Coca-Cola, uma geração muito mais politizada e conscientes

das questões sociais. Ao contrário dos Leks leks de hj. (Sabrina. *Facebook*, maio de 2013).<sup>4</sup>

E pior, alguns jovens sentem-se mal por não terem vivido os gloriosos anos 80, como é possível perceber no comentário abaixo:

Além de ter ficado mt emocionada com o filme, chorei tb por n ter vivido nessa época, época em que eram feitas músicas sérias, as letras tinham algo a dizer, seja de amor ou de protesto, era um desabafo, algo que todo o jovem de qualquer geração sente, mas q muitas vezes n tem coragem de dizer. Não estou falando de estilos de música, mas de conteúdo de letra e não que eu só ouça esse tipo de música, tb ouço aquelas músicas chicletes que ficam sempre na cabeça da gente, mas que foi feita pra reprodução, e não para ser pensada. Esse é o grande problema de hoje e não só na música, mas em tudo... paramos de pensar e viramos computadores ambulantes! (Michelle. *Facebook*, maio de 2013).

A acusação de *alienação*<sup>5</sup> não se resume apenas aos jovens, mas é enfática sobre eles. Prevalece uma ideia pseudocrítica que tacha tudo de *alienação*, só vê os pontos negativos da sociedade brasileira e acredita que não somos educados e não pensamos direito. Essa crítica é velha e, em certa medida, ultrapassada, além de superficial, pois não se aprofunda nas complexidades do mundo atual. O comentário abaixo, dentre muitos semelhantes apresentados na dissertação de mestrado, foi selecionado para exemplificar a confusão entre fazer crítica e falar mal e o empobrecimento da própria discussão com frases que viraram lugar comum, como, por exemplo, “somos acomodados”, “somos conformistas” e “somos alienados”. Tudo bem, pode até ser verdade, em parte e sob determinados ângulos, mas e daí? Ficar repetindo essas constatações ajuda em quê?

Filhos da revolução? HAHA! Estamos mais para filhos da comodidade e do conformismo (Jurelio. *Facebook*, junho de 2013).

Nos debates sobre *Confissões de Adolescentes*, tanto na página do filme no *facebook* quanto no site *AdoroCinema*, esse preconceito geracional também aparece, só que de maneira menos enfática e acaba se restringindo aos receptores mais velhos, tendo em vista que muitos jovens parecem não dar crédito ao imaginário que os associa ao descaso político, ao conformismo e à *alienação*.

Em *Somos Tão Jovens*; há um pano de fundo político; os jovens retratados estavam envolvidos com a política do país, participaram da luta contra a Ditadura

---

<sup>4</sup> Todos os comentários citados neste texto reproduzem fielmente a linguagem e a escrita empregada por seus autores.

<sup>5</sup> Termo utilizado em sua conotação vulgar; não há, propriamente, neste texto, menção ao debate marxista sobre alienação.

Militar. Já, em *Confissões de Adolescentes*, não há uma abordagem específica sobre a relação dos jovens com a política. Aparentemente, as quatro irmãs e seus amigos não se importam muito com esses assuntos. Entretanto, não é possível concluir, pela comparação entre *Somos tão jovens* e *Confissões de Adolescente*, que os jovens, em 1980, se interessassem mais por questões políticas do que os jovens de hoje.

Os dois filmes retratam universos juvenis de classe média em épocas diferentes. Renato Russo viveu a época do fim do regime militar e das *Diretas Já*; as irmãs Christina, Bianca, Alice e Clara vivem sob um governo democrático. E mais, *Confissões de Adolescente* não abrange a totalidade de questões sobre os jovens de hoje, ou seja, não consegue explorar a totalidade da juventude atual. Sendo assim, não é possível interpretar a ausência do plano político no filme como um indicador de que os adolescentes, hoje, não se interessam por política, assim como não é possível afirmar que todos os jovens das gerações passadas eram politicamente conscientes, mesmo porque o próprio filme *Somos tão Jovens* mostra que existiam os acomodados ao regime autoritário. Os filmes apresentam um recorte no tempo e no espaço; não dão conta da totalidade de jovens existentes, nem mesmo dos jovens sobre os quais se propõem a falar e aos quais se direcionam; as narrativas fílmicas são parciais, apesar de conseguirem, em determinados momentos, ultrapassar condições específicas como classe, gênero e geração.

Entretanto, também não é possível ignorar que, hoje, parece existir uma tendência ao descrédito, por parte dos jovens, na forma convencional de participar de decisões políticas, uma vez que vivem um momento em que podem e conseguem mobilizar grandes eventos por meio da *internet* e das redes sociais, que aparecem como possíveis alternativas úteis para *fazer as coisas acontecerem* sem necessidade de toda burocracia institucional. É possível assinar documentos reivindicando direitos, fazer parte de grupos de ação direta, organizar manifestações...

O desenvolvimento tecnológico e digital conduziu a vida contemporânea a dimensões tão grandes e, até, em certa medida, impalpáveis, que se tornou necessário, cada vez mais, lidar com as *pequenas coisas*, com o cotidiano. Aparentemente, as grandes estruturas e grandes narrativas estão perdendo, aos poucos, o sentido, principalmente considerando que as variações são muitas; há uma multiplicidade de formas de viver e pensar convivendo, e a regra não dá conta dessa diversidade e complexidade.

Não é possível julgar os jovens de hoje com base em modelos de ação e consciência crítica passados. O fato de os movimentos estudantis terem perdido força em relação aos movimentos dos anos 60 e 70 não significa que os jovens, hoje em dia, atuem menos na cena social e cultural. Pelo contrário, eles têm espaço garantido, principalmente em manifestações culturais e em inovadoras formas de expressar suas ideias. Além do mais, têm o privilégio de um espaço democrático ampliado pelo aprimoramento dos meios de comunicação, pela *internet* e pelas redes sociais. A estrutura de vida é outra, tudo é simultâneo e veloz, estão conectados quase que em tempo integral. A ordem de sensibilidade e a temporalidade são outras, portanto as formas de atuação e participação também são diferentes.

### **Considerações finais**

As duas narrativas fílmicas abordadas neste artigo apresentam jovens saudáveis, alegres e dispostos a curtir a vida. Em *Somos tão jovens* o desejo de fazer a diferença no mundo e de viver de acordo com os próprios princípios, que não necessariamente os dos pais ou da sociedade vigente, está mais presente. Em outras palavras, há uma ênfase maior no *ímpeto juvenil* de questionar a ordem estabelecida e lutar por uma sociedade melhor e mais justa. Em *Confissões de adolescente*, esse lado contestador do jovem continua lá, mesmo que não seja tão destacado ou, mesmo que não apresente um desenho propriamente político.

O imaginário sobre a juventude atual é habitado, dentre muitas imagens, noções e concepções, por interpretações que os associam ao descaso político. Foi possível constatar isso na fala de alguns dos receptores. E mais, existe uma espécie de idealização do passado, muitos demonstraram acreditar que a *geração Coca-Cola*, a geração de Renato Russo, era mais interessada e mais participativa no que diz respeito ao âmbito político e social do que a *geração#*. Entretanto, na vida cotidiana, existem uma pluralidade de jovens que não, necessariamente, respondem pelo imaginário que se criou sobre eles.

Não acredito que os jovens da *geração#*, de maneira geral, possam ser caracterizados como *apáticos*, *alienados*, *consumistas*, *hedonistas*, *conformistas*, como é sugerido em diversos comentários de receptores, e como, de maneira geral, ressoam os rumores acerca da juventude atualmente. O problema estaria na perspectiva, que parece analisar os jovens de hoje com base nos padrões estabelecidos em outros momentos

históricos. Em outras palavras, o problema estaria na expectativa de que os jovens continuassem agindo como agiam os jovens da geração passada, tendo em vista a participação daqueles jovens em grandes acontecimentos e lutas importantes na época, como foi o caso de Renato Russo, que se manifestou contra a ditadura militar e de muitos outros jovens dos anos 80 que participaram da *Diretas Já*, por exemplo.

Os jovens da *geração#*, de maneira geral, parecem mais interessados na participação direta e descrentes do modelo eleitoral e partidário; não se contentam com o modelo democrático de representação, buscam algo mais participativo, participação que parece se tornar viável graças ao ciberespaço. Hoje, esse modelo de democracia representativa parece não ser mais tão importante, pois não consegue acompanhar todas as novas demandas oriundas do movimento histórico.

Não há, neste artigo, propriamente, uma proposição de alternativas de como fazer política, apenas o apontamento para necessidade de repensar ideias comuns como, por exemplo, as afirmações recorrentes, inclusive, entre os receptores analisados: “*estamos conformados!*” e “*os jovens, hoje, são politicamente apáticos*”; esse tipo de raciocínio não dá conta da reflexão necessária para se propor novas alternativas políticas e ações mais eficazes para o momento presente. Em outras palavras, mudar a ótica pode levar a novos caminhos, mesmo que ainda estejam nublados ou em formação. É importante pensar que as grandes narrativas e grandes estruturas, apesar de, em certa medida, ainda funcionarem, parecem não dar mais conta de responder pelas expectativas sobre o futuro; pensar os microespaços, a participação direta ou, até, a ação direta, tornou-se importante. E mais, é interessante pensar na tecnologia como uma aliada no aprimoramento político, desde que não se restringa a aprimorar apenas a burocracia estatal e os meios de controlar o *cidadão-eleitor*.

### **Referências bibliográficas**

BORELLI, Silvia Helena Simões et al (2010). Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960 - 2000). In: CLACSO. *Jóvenes, cultura y política: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960 - 2000)*. Compilado por Sara Victoria Alvarado y Pablo A. Vommaro. 1a ed. Rosário: Homo Sapiens Ediciones.

\_\_\_\_\_; FREIRE, João (Orgs.) (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC.

\_\_\_\_\_; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2009). *Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação*. São Paulo: Paulinas.

- FEIXA, Carles (2010). O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*. vol.25 no.2 Brasília Maio/Agosto.
- \_\_\_\_\_. (2011). Generación replicante. *Jornal El país*, 18 de setembro de 2011.
- \_\_\_\_\_. (2011). La generación indignada. *Jornal El país*, 20 de setembro de 2011.
- \_\_\_\_\_. (2014). De la generacion @ alla # generacion: La juventud en la era digital. 1º ed. Barcelona: Ned Ediciones, setembro de 2014.
- GARCÍA CANLINI, Néstor (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.
- GOFFMAN, Ken; JOY, Dan (2007). *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, BORELLI, Silvia Helena Simões e RESENDE, Vera da Rocha (Orgs) (2002). *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade*. São Paulo: Summus.
- MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo (1996). “La juventude e más que uma palavra”. In: MARGULIS, Mario. *La juventude e más que uma palavra*. 1º ed, Buenos Aires, Biblos.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2009). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MORIN, Edgar (1980). *O cinema ou O Homem imaginário: ensaio de antropologia*. Lisboa: Moraes.
- SÉRRES, Michel (2013). *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as situações, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- URCOLA, Marcos A (2003). *Algunas apreciaciones sobre ele concepto sociológico de Juventude*. Periódico da Universidad Nacional de La Plata.
- WILLIAMS, Raymond (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell* (2011). Petrópolis: Vozes.

### Referências Filmográficas

- Confissões de Adolescente*. Direção: Daniel Filho. Brasil: Globo Filmes e Sony Pictures, 2013.
- Somos tão Jovens*. Direção: Antônio Carlos da Fontoura. Brasil: Imagem Filmes, 2011.

### Referências webgráficas

- <<http://www.adorocinema.com/>> Acesso regular de fev. 2012 a set. 2014
- <<https://www.facebook.com/somostaojovens>> Acesso em: ago. e set. de 2014
- <<https://www.facebook.com/ConfissoesDeAdolescenteOFilme>> Acesso em: ago. e set de 2014